

## Editorial



Osvaldo Cabral  
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

# 2022: o ano da mediocridade política

O ano que terminou foi um autêntico pesadelo na política portuguesa e açoriana.

Acossados com uma crise económica - devido à subida da inflação e das taxas de juro, que veio agravar a já debilitada situação das famílias e empresas devido à crise pandémica - os governos da República e dos Açores viveram em 2022 dias de turbulência interna, terminando o ano no pior patamar da credibilidade de ambos.

António Costa é um político fora do prazo, cansado, desgastado e praticamente sem autoridade, liderando um dos piores governos de sempre, ironicamente quando consegue uma maioria absoluta.

Com a saída da secretária de Estado milionária Alexandra Reis e, a seguir, o trauliteiro ministro do ferro velho, já vai numa dezena o número de baixas que Costa soma no seu governo empossado em Janeiro. É um recorde absoluto de quase uma queda por mês!

É o governo das demissões à meia-noite, o que condiz com a sua condição de governação na escuridão.

O caso de Alexandra Reis, somado ao do recente secretário de Estado Adjunto Miguel Alves, revela a natureza de grande parte dos políticos que enxameiam os partidos e os governos, cada vez mais descredibilizados pela grande falta de ética, pelas trifulhices, pelo clientelismo, pela ganância e por uma falta de sentido de estado e de seriedade que mancham qualquer governação.

O governo de António Costa vai chegar, provavelmente, ao fim do mandato, apenas porque detém uma maioria absoluta no parlamento e um Marcelo desorientado, mas já se percebeu que perdeu o país, já não tem capacidade de renovação, integra uma pléiade de ministros e secretários de Estado incompetentes, caminhando para um calvário de apodrecimento político. É um fim de ciclo, desgastado e impróprio para consumo político.

Ao mesmo tempo revelou-se o pior governo de sempre para com as Autonomias Regionais, ultrapassando mesmo os piores anos de Cavaco Silva em relação aos Açores e Madeira, com a incompreensível colaboração e apoio dos seus acólitos de cá, que vão sofrendo do mesmo desgaste com a excessiva colagem ao pior de António Costa.

Por cá, nos Açores, temos uma coligação que se vai aguentando graças às inúmeras benesses distribuídas pela clientela dos seus três pilares.

É mais um governo de casos e trapalhadas, com um líder a tentar apañar os cacós e a não conseguir contrariar os apetites clientelares dos partidos que compõem a coligação.

Foi obrigado a remodelar o governo ainda antes de metade do mandato e quando se esperava um novo ímpeto governativo, pouco ou nada de novo se viu.

Teve momentos positivos durante o ano, mas não os soube capitalizar, assim como não soube gerir as desastrosas actuações de alguns dos seus governantes.

As nomeações de gente sem mérito, outras por ligações familiares (como nos tempos antigos) e a incapacidade para gerir projectos complicados - como o caso das Agendas Mobilizadoras, o PRR, o caso do HDES e, agora, o controverso projecto dos cabos submarinos - são demonstrativos de que o governo de coligação não está a passar uma imagem de coesão e competência, criando enormes insatisfações no interior do maior partido governamental.

Com uma oposição desorientada e sem rostos credíveis, a verdade é que, no último ano, a coligação apenas soube dar trunfos de bandeja aos outros partidos, como se viu nestes últimos dias com mais uma nomeação eticamente escusada.

A população vai-se convencendo de que os partidos são, cada vez mais, meros instrumentos para chegar ao poder e distribuir cargos e benesses pelos seus militantes, conhecidos e familiares.

É a política no seu esplendor da mediocridade.

Não se admirem, depois, que surjam as forças radicais a ganhar mais adesões e a admiração dos eleitores de protesto.

É neste sentido que 2022 foi para esquecer politicamente.

Neste novo 2023 os cidadãos vão estar à espreita da confirmação da mediocridade declarada ou, em alternativa, uma mudança radical de métodos, de processos e de nova mentalidade no desempenho dos cargos.

Parece que é pedir muito, sobretudo quando os protagonistas são os mesmos.

Cada cidadão fará o escrutínio que entender, mas os sinais apontam para uma grande desilusão e degradação em mais um novo ano.

Apesar de tudo, ainda há esperança, que é a última a morrer.

## 2023: o ano de todas as incertezas

Neste novo ano de 2023 vamos ouvir falar com mais intensidade em quatro assuntos essenciais para os Açores: crise, SATA, PRR e turismo.

Destes quatro temas vai depender muito o futuro económico da região, pelo que a gestão destes dossiês será fundamental para todos nós, famílias e empresas.

A crise inflacionista e o aumento das taxas de juro estão a atingir especialmente as famílias mais frágeis, pelo que, em 2023, o Governo Regional terá que agir com mais dinamismo na área social.

O Orçamento da região, recentemente aprovado, não deixa muita margem de manobra, mas há medidas na área fiscal que ainda podem ser utilizadas em consonância com o Governo da República. Uma delas poderá ser reduzir o IVA dos bens alimentares (a Espanha acaba de anunciar uma redução a zero), com o argumento forte de que é nos Açores que se registam os indicadores mais altos de pobreza e de rendimentos mais baixos.

É nos bens alimentares que os mais pobres poderão encontrar o apoio que precisam no dia-a-dia, coisa que é cada vez menos acessível com os aumentos substanciais dos preços de mês para mês.

Da SATA vamos ouvir falar muito, devido ao processo de privatização. Há uma grande expectativa sobre como será o caderno de encargos e

quem estará interessado na Azores Airlines. Por outro lado, o processo de reestruturação da companhia vai prosseguir e é preciso começar a escrutinar como é que ele está a ser feito, até porque a operação comercial parece bastante boa, mas os prejuízos, incompreensivelmente, continuam lá.

Outra expectativa é saber como irá ser aplicado o tão famoso PRR, uma espécie de bóia de salvação para as economias, cá e lá, sendo que os primeiros sinais não são lá muito famosos, quer pelos atrasos, quer pela sua aplicação mais forte no sector da administração pública em vez do sector privado.

Finalmente, o turismo, este sim, o único sector em que nos apresentamos com confiança para 2023.

Os sinais são bons e, segundo os especialistas, em 2023 os mercados como os Açores serão os mais beneficiados, porque apresentam as características que as novas tendências mais procuram: natureza, segurança e locais de calma, que façam esquecer as crises e as notícias da guerra.

Não admira que seja o sector mais confiante, com o anúncio de vários investimentos na região, desde os inúmeros hotéis a empresas de animação,

É mais um sinal de esperança. Bom ano!